



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AMANDA CRISTINA BORGES DE BRITO

"Nada foi em vão": Uma análise sobre as obras de literatura infantis da atualidade como Ferramenta de Combate ao Racismo em sala de aula.

RECIFE
2023

AMANDA CRISTINA BORGES DE BRITO

"Nada foi em vão": Uma análise sobre as obras de literatura infantis da atualidade como Ferramenta de Combate ao Racismo em sala de aula.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciadas em Pedagogia, orientado pelo Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior.

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B862'

Brito, Amanda

"Nada foi em vão": Uma análise sobre as obras de literatura infantis da atualidade como Ferramenta de Combate ao Racismo em sala de aula. / Amanda Brito. - 2023.

45 f. : il.

Orientador: Aristeu Portela Junior.

Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2023.

1. Literatura infantil afro-brasileira. 2. Educação. 3. Lei nº 10.639. 4. Identidade negra. I. Junior, Aristeu Portela.

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

AMANDA CRISTINA BORGES DE BRITO

**"Nada foi em vão": Uma análise sobre as obras de literatura infantis da atualidade
como Ferramenta de Combate ao Racismo em sala de aula.**

Data da Defesa: 14/09/2023

Horário: 10 horas

Local: Sala 5B- UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior

Prof. Orientador(a)

Profa. Dra. Fabiana Cristina da Silva

Prof.^a Examinador(a) Interno(a)

Profa. Dra. Adlene Silva Arantes

Prof. Examinador(a) Externo(a)

Resultado: Aprovado/a

Reprovado/a

*"Até meu jeito é o dela
Amor cego escutando com o coração a luz do peito dela
Descreve o efeito dela, "Breve, intenso, imenso"
Ao ponto de agradecer até os defeito dela
Esses dias achei na minha caligrafia
A tua letra e as lágrima molha a caneta
Desafia, vai dar mó treta
Quando disser que vi Deus
Ele era uma mulher preta...
Em tudo eu via a voz de minha mãe
Em tudo eu via nós"*

MÃE - EMICIDA

RESUMO

Após refletir sobre os livros que são comumente utilizados nos espaços escolares relacionados a questões étnico-raciais, me veio o questionamento de que não são produzidas na atualidade obras para que sempre sejam abordadas as mesmas ou se não existe uma real preocupação em buscar obras atuais para serem trabalhadas nas escolas. Com isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e foram selecionados três livros da literatura infantil nacional contemporânea - "Amoras" de Emicida, "O Pequeno Príncipe Preto" de Rodrigo França e "Com qual penteado eu vou?" de Kiusam de Oliveira – com o objetivo de serem analisadas em busca de características que confirmem a existência de produção atual com o foco em se trabalhar as questões étnico-raciais, observando nessas obras as temáticas trabalhadas nos livros e a importância delas no combate ao racismo em sala de aula, analisando a construção das identidades negras dos personagens principais e secundários dos livros. Através deste trabalho foi possível visualizar nos livros estudados aspectos que contribuem para a formação identitária e cultural das crianças, através das características fenotípicas dos personagens como também da cultura, religiosidade, entre outros. Desse modo, fica nítido que existe uma grande e diversa produção feita na atualidade envolvendo as temáticas étnicas e raciais e fica o questionamento de ainda ser tão raro encontrarmos essa variedade nos espaços escolares.

Palavras-Chave: Literatura infantil afro-brasileira. Educação. Lei nº 10.639. Identidade negra.

ABSTRACT

After reflecting on the books that are commonly used in school spaces related to ethnic-racial issues, the question came to me that works are not currently produced so that they are always addressed or if there is no real concern in seeking and updating works current to be worked in schools. With this, a bibliographical research was carried out and three books of national children's literature were selected – "Amoras" by Emicida, "O Pequeno Príncipe Preto" by Rodrigo França and "Com qual penteado eu vou?" by Kiusam de Oliveira – with the objective of being analyzed in search of characteristics that confirm the existence of current production with a focus on working on racial and ethnic issues, observing in these works the themes worked in the books and their importance in combating racism in the classroom, analyzing the construction of black identities of the main and secondary characters of the books. Through this work, it was possible to visualize in the studied books, aspects that contribute to the identity and cultural formation of children, through the phenotypic characteristics of the characters as well as culture, religiosity, among others. In this way, it is clear that there are a large and diverse productions made today involving racial ethnic themes and the question remains as to why it is still so rare to find this variety in school spaces.

Keywords: Literature. Education. Law No. 10,639. Identity.

SUMÁRIO¹

1. PRINCIPIA	7
2 MUFETE	11
2.1 IDENTIDADE	12
2.2 EDUCAÇÃO ANTI RACISTA	14
2.3 LITERATURA INFANTIL AFRO BRASILEIRA	17
3 UBUNTU FRISTAILI	21
4. BOA ESPERANÇA	23
4.1 Conhecendo os livros e seus/suas autores(as): produção e circulação	24
4.2 Como os protagonistas afirmam sua negritude através das narrativas	29
4.3 Como ocorre a representação das divindades	34
5. LEVANTA E ANDA	40
6. BIBLIOGRAFIA	42

¹ O trabalho está organizado em seis capítulos, sendo estes nomeados com títulos das músicas do rapper Emicida.

1. PRINCIPIA

*"Tudo que bate é tambor
Todo tambor vem de lá
Se o coração é o senhor, tudo é África"*

Algo que sempre me incomodou foi a distância existente entre o meio acadêmico e a comunidade, muito se fala sobre o acesso de iguais a mim a universidade e até sobre a permanência dos mesmos mas é quase que impossível perceber a real presença dos mesmos no meio, continuamos com os mesmos pensadores e influências de sempre, não que não sejam importantes ou relevantes mas acredito ser mais que importante uma real abertura acadêmica para influências e interferências pretas e indígenas. E por acreditar que a voz dos meus semelhantes precisam ser ouvidas em todos os âmbitos que por escolha política resolvi renomear os capítulos do atual trabalho com títulos de músicas do rapper Emicida, por admirar toda sua trajetória e acreditar na mensagem e representatividade que o mesmo carrega. Um caminho que já deveria ter acontecido e que precisa ser cada vez mais reivindicado é a presença de figuras influentes da comunidade preta que vem nessa caminhada da luta contra o racismo, reconhecer o rap, por exemplo, com a devida importância que o movimento tem para o reconhecimento dos indivíduos, voz da comunidade, de denúncia é mais que necessária e já passou da hora disso ocorrer. Nomes como Mano Brown, Emicida, Djonga, Ricon, Sabotagem, entre outros deveriam estar dentro das academias pela importância nacional que os mesmos ocupam na luta contra o racismo e em busca de uma sociedade mais justa.

Desde a primeira vez que tive acesso ao livro Amoras, muito antes de pensar em estudá-lo, que o “nada foi em vão” ficou marcado para mim, por ter tocado em algo muito íntimo meu. No livro, a frase aparece em uma possível fala de Zumbi dos Palmares caso tivesse a oportunidade de observar a protagonista cheia de encanto e com orgulho de si e de sua história, ao vê-la diria a frase como forma de suspiro ao

perceber que de alguma forma, nada aconteceu em vão. Por ter sido tocada de diversas formas pelo racismo durante toda minha vida, sendo esse um dos motivos pelos quais decidi trilhar minha carreira na educação, podendo interferir positivamente na construção de um mundo que acredito e lutando com todas as minhas armas para que crianças iguais a que fui um dia não passem pelas mesmas situações que passei, concluo que nada foi em vão. Não que eu tenha orgulho de toda situação a qual fui submetida ou não reconheça como isso me feriu e que tenha feridas abertas até o momento, mas a esperança que só conseguimos encontrar no olhar de uma criança me diz que nada foi em vão. Não é como se as centenas de anos nas quais meus iguais foram submetidos a anos de escravidão seja algo para termos orgulho mas sim que, apesar de tudo, após toda trajetória, lutas e conquistas dos meus, é olhando o sorriso das gerações que estão por vir que conseguimos perceber que valeu a pena nos esforçarmos tanto, que a esperança está viva, que nada foi em vão.

O objetivo deste trabalho é analisar três livros, sendo eles: "Amoras" de Emicida, "O Pequeno Príncipe Preto" de Rodrigo França e "Com qual penteado eu vou?" de Kiusam de Oliveira, incluindo textos e imagens, com a finalidade de encontrar nas obras características que possam ser utilizadas em sala de aula com o propósito de trabalhar uma educação anti-racista e de exaltação da cultura negra. E para alcançar tal objetivo resolvemos elencar alguns mais específicos sendo eles: Caracterizar as temáticas trabalhadas nos livros e a importância delas no combate ao racismo em sala de aula; Analisar a construção das identidades negras dos personagens principais e secundários dos livros.

Como sou uma mulher negra que faz parte dessa luta anti-racista, sempre me interessei por estudar e ler livros com essa temática por sentir na pele desde pequena o racismo enraizado em nossa sociedade. Quando pequena não tive a representatividade de pessoas iguais a mim ou acesso a um material que me incluísse como negra de forma integral, motivos que a partir do momento em que tomei consciência racial, me nortearam a querer fazer parte da mudança e possibilitar um mundo mais igual lutando por uma educação anti-racista. O que me deixou bastante intrigada foi o fato de sempre utilizarem os mesmos livros da literatura afro-brasileira infantil em sala de aula (e fora dela) como se não houvesse uma constante produção de material na atualidade. Desse modo, resolvi estudar se está tendo uma atual

renovação de livros com essa temática no cenário nacional e analisá-los e buscar nestes livros características de uma escrita libertadora, que promovesse a afirmação negra e anti-racista.

Consegui perceber a importância e a didática existente na incorporação da literatura com a educação anti-racista quando fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e tive a experiência de gravar vídeos aulas (por estarmos no momento de aulas remotas por causa da pandemia) com contações de histórias da literatura infantil afro-brasileira e passei a pesquisar obras atuais que tivessem como objetivo o combate ao racismo e a valorização da negritude. Por já acompanhar a carreira de Emicida como rapper e gostar muito de suas músicas, resolvi comprar o livro 'Amoras' assim que eu soube que ele tinha lançado e fiquei completamente encantada com a história e a forma como Emicida trouxe momentos e personagens tão importantes para a história da luta anti-racista e de empoderamento negro. Como estudante de pedagogia percebi que o livro pode ser abordado nas séries iniciais por ter uma linguagem fácil, ser bastante ilustrativo e trazer as características que acredito serem importantes na temática escolhida.

A escolha dos outros dois livros a serem analisados foi após a escolha do tema para a escrita do atual trabalho, por meio de pesquisa. Buscava livros que foram escritos com esse objetivo de trazer o negro, sua cultura e luta como protagonistas de forma positiva e foi assim que consegui identificar e também me encantar por essas duas obras.

A função da escola na luta anti-racista é fundamental, sendo um espaço de desconstrução e reflexão sobre os posicionamentos da sociedade e é tendo consciência que vivemos em uma sociedade racista que acredito na importância de trabalhos como este, com o objetivo de trazer ferramentas atuais que possam ser utilizadas na luta contra o racismo em sala de aula. Por muito tempo não víamos esse tipo de temática nas universidades, hoje a frequência aumentou um pouco graças ao acesso do povo preto às instituições de ensino superior e, juntamente com esse acesso, conseguimos perceber um maior índice de pesquisa e debate na área. O fato de não serem abordados temas anti-racistas em uma sociedade como a nossa só agrava ainda mais os casos e reforça os motivos que levam os posicionamentos racistas de muitos, por isso a importância de se trabalhar esses temas nas academias. Com o maior acesso de nosso povo às instituições de ensino e pesquisa e a constante

insistência dos mesmos em debater sobre o tema, hoje conseguimos perceber uma maior abertura em se trabalhar o tema com o objetivo de construir uma educação anti-racista. Essa monografia parte desse princípio, por meio da literatura pensar e discutir formas para participar da construção de uma educação anti-racista.

O trabalho está organizado em seis capítulos, sendo estes nomeados com títulos das músicas do rapper Emicida. Principia sendo o capítulo introdutório, abordando de forma geral os objetivos do trabalho e nele as justificativas do mesmo. A fundamentação com todo o repertório teórico no qual o trabalho se embasou será possível acompanhar no capítulo Mufete. A metodologia utilizada no trabalho pode ser encontrada no capítulo intitulado Ubuntu Fristaili. O capítulo contendo abordagem dos livros pesquisados e análise dos mesmos está com o título de Boa Esperança. E por fim, as conclusões do trabalho estão no capítulo intitulado como Levanta e Anda.

2 MUFETE

*"Gente, só é feliz
Quem realmente sabe que a África não é um país
Esquece o que o livro diz, ele mente
Ligue a pele preta a um riso contente"*

Estudar a respeito da existência, ou a falta, de livros da literatura que tratem a respeito de uma abordagem acerca do corpo e perspectivas positivas negras já é por si só revelador de que vivemos em uma sociedade racista. Mas para que possamos compreender mais a fundo acerca do todo, é necessário uma abordagem mais específica. Para entender a atual configuração racial de nosso país precisamos fazer um resgate histórico e analisar a partir de que momento a raça ficou tão evidente e por quais motivações.

Conseguimos entender isso no período em que existia uma expansão marítima em busca de novos territórios para serem explorados, essa expansão em busca de riqueza e poder foi a justificativa utilizada durante séculos para validar a exploração de outros povos sob o argumento de que esses eram inferiores ao caucaseano e por isso deveriam ser escravizados, tendo como base para esse argumento o Darwinismo social. O Darwinismo social é uma teoria criada por Darwin que foi por muito tempo utilizada para manter diversos povos e pessoas em condições desumanas, segundo a teoria existe de forma natural os que são “melhores” por natureza, e serão ricos, inteligentes, com prestígio social enquanto outros são fadados ao fracasso. A relação entre o Darwinismo social com o racismo científico foi realizada pelo antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge (1854—1936), dividindo as raças em escalas, existindo as superiores e as inferiores. Dessa forma se defendeu por centenas de anos a ideia de que os caucaseanos são uma raça pura e superior em detrimento a outras, o eugenismo.

Reforçando a teoria de uma raça superior conseguimos destacar também o papel da igreja que participou de perto por todo esse processo, inclusive na catequização forçada de outros povos. Com a chegada dos europeus em nosso território, a princípio tivemos os nativos sendo massacrados e sofrendo com o processo

de escravização e logo em seguida com o tráfico de pessoas vindas de África, esse processo foi voltado à população preta que foi escravizada por 388 anos. Segundo tradições hebraicas, a escravidão é algo designado por Deus, que vai determinar o local em que cada um vai ocupar, e foi justamente o argumento utilizado por Santo Agostinho afirmando que a escravidão é tanto um remédio quanto uma penalidade para o pecado e os locais foram designados por deus cabendo as pessoas apenas aceitar o seu local de senhor ou escravizado (DAVIS, 2001). O reflexo da teoria acima citada pode ser visualizada até hoje, no qual vemos por exemplo, os traços que mais se assemelham com os brancos sendo enaltecidos enquanto os traços mais negroides são tidos como feios, sujos.

Fica nítida então a importância de se trabalhar as questões étnico raciais nos ambientes escolares. Dessa forma, resolvemos organizar a discussão em três tópicos principais em nossa fundamentação: Identidade, educação anti racista e literatura infantil afro-brasileira.

2.1 IDENTIDADE

É fato que a discussão em relação à temática racial é extremamente complexa, ainda mais falando da realidade nacional, mas entendemos ser de extrema importância conceituar alguns termos para que o debate relacionado ao tema principal deste trabalho ocorra de maneira plena. Para tal, utilizaremos como principal referência para esse tópico o artigo: "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão"(GOMES, 2005) .

O primeiro termo que buscaremos conceituar, entendendo que todos os conceitos levantados e autores citados aqui estão sendo baseados no artigo em questão, é identidade. De acordo com Gleason, (1980, apud GOMES, 2005, p. 40) identidade é um termo extremamente complexo e de difícil conceituação, não tendo até uma resposta satisfatória para tal. Já de acordo com Munanga, a identidade esteve sempre presente nas sociedades: "Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes à sua cultura para definir-se em contraposição do alheio."(MUNANGA, 1994: 177-178). Em seu artigo, Nilma trás a conceituação da antropóloga Silvia Novaes (1993), sendo uma criação de um NÓS coletivo - nós indígenas, nós mulheres, nós negros. Ainda segundo Nilma, identidade

seria simultaneamente igualdade, seja ela de que esfera for, como também a diferença. A identidade vai girar nesse sentido da busca por semelhantes em âmbitos para além da cultura, mas também de níveis sócio-político e histórico, sendo a forma com a qual se é e como o mundo o enxerga. Para Novais (1993), identidade seria quando um grupo reivindica visibilidade em detrimento do apagamento que foi submetido, podemos utilizar como exemplo os negros, mulheres, indígenas. Já em relação a diferença no conceito identidade, notamos que o que aproxima os iguais é o mesmo que o diferencia dos demais. Para que exista um grupo que seja até certo modo iguais, paralelamente existe o diferente, fazendo com que os iguais pertençam a este grupo. Nilma traz ainda em seu artigo o conceito do cientista social Jacques d'Adesky (2001) que aborda justamente a identidade enquanto interação, não podendo existir de forma isolada. Segundo o mesmo, a identidade é negociada durante a vida e ocorre tanto em diálogos externos quanto internos e vai depender também do reconhecimento dos outros.

Entendendo a terminologia de identidade e que, para sua existência se faz necessário o outro sendo diferente do que sou, podemos adentrar especificamente no que seria a identidade negra. Ciente de que vivemos em um país colonizado com base escravocrata e que o branco e tudo advindo dele é considerado o centro e tido como o correto como o correto, tudo o que se afasta ou não se assemelha a ele se torna excluído, errado, visto negativamente. Segundo Nilma(GOMES), por sermos sujeitos sociais as identidades são definidas no âmbito da cultura e da história, dessa forma, podemos pensar que, no contexto local a identidade negra passou a existir e ter relevância pós marcadores criados no processo de escravização em nosso território, tendo o branco como padrão e exemplo a ser seguido. Ciente de que, não apenas um povo do continente africano foi trazido para a América, podemos afirmar que existiam inúmeras diferenças entre eles mas que ao chegarem aqui, ao passar do tempo, surgiu a necessidade de se reconhecerem nas semelhanças e assim surgiu uma identidade. Ainda segundo o artigo é o que compreendemos, entendemos então, a identidade negra sendo uma construção social, histórica, cultural e plural. Identidade essa de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial que se reconhecem em si mesmos através da diferença da relação com os outros, 'A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.' Nilma

(2005).

Entendendo agora o conceito de identidade negra e de como historicamente a nossa sociedade é ensinada a odiar tudo o que se remete a ela, seja no campo cultural, estético, religioso podemos compreender a importância de se trabalhar a temática em sala de aula para que possamos construir uma identidade negra positiva em nossos estudantes.

2.2 EDUCAÇÃO ANTI RACISTA

Atualmente entendemos que o racismo tem diversas faces e pode se apresentar das mais diversas formas, analisando especificamente no meio escolar podemos perceber que ele vem atrelado a algumas situações. Por ser parte do meio em que está inserido, a escola carrega consigo aspectos que percebemos na sociedade em que vivemos e assim identificamos situações e ações comuns no meio social mas que precisam ser combatidas. Apelidos depreciativos vinculados aos traços negróides são muito comuns nas escolas e muitas vezes não são resolvidos da maneira que precisam ser, por vezes falta uma ação efetiva dos educadores do local não tratando muitas vezes nem como racismo mas como bullying escolar. Precisando então, enfatizar a diferença existente entre o bullying escolar e o racismo: O bullying está relacionado a um ações depreciativas em relação ao outro de maneira proposital, “comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos” (CHALITA, 2008, p. 82), e ao falar do racismo, estamos falando de violências verbais e físicas feita a um outro, sendo esse negro e sofrendo por assim ser, “O racismo ocorre quando se atribui a um grupo determinados aspectos negativos e razão de suas características físicas ou culturais” Santos (2001). Podemos observar também esse racismo na falta de representação negra, em uma pesquisa² realizada pela Universidade de Brasília (UnB) revela um número baixíssimo de personagens pretos nos livros sendo apenas 6,2% nos romances publicados entre 2004 e 2014, desse número apenas 4,5% deles protagonizaram as histórias e a maioria (nas obras de 1990 a 2014) desenvolvia

² FRANCE, júnior, . Literatura reflete desigualdade racial no Brasil. Jornal da USP, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/literatura-reflete-desigualdade-racial-no-brasil/>. Acesso em: 27/07/2023

ocupação de bandido, empregado doméstico, escravo, profissional do sexo e dona de casa. Dessa forma percebemos que nossos estudantes negros não conseguem se ver nos livros, cartazes, histórias sendo dessa forma quase que impossível a construção de uma identidade positiva dos mesmos. Em algumas situações é possível perceber a existência de representatividade, mas não de forma positiva, acontecendo de forma estereotipada achando até ridicularizar traços, costumes e tradições.

O debate a respeito de como enfrentar o racismo em sala de aula já vem sendo feito há algum tempo nas academias, e já é possível notar diferenças de abordagens nas salas de aula a respeito da temática, mas precisamos manter a consciência de que ainda há muito a ser feito. Um marco na educação anti-racista foi a lei 10.639/2003, que tornou o ensino de Cultura e História Africana, Afro-brasileira e Indígenas em todas as escolas obrigatório, do ensino fundamental até o ensino médio. O primeiro passo é assumir que vivemos em um país racista, sem essa consciência não conseguimos avançar em nada. Nilma Lino Gomes falou um pouco sobre isso em uma entrevista à agência Brasil em (2015) e resumiu bem na seguinte frase: “Quanto mais se nega a existência do racismo no Brasil, mais esse racismo se propaga”. A lei repercute dentro do ambiente escolar, inclusive na formação dos professores, fazendo necessário que os mesmos busquem/sejam formados para conseguir atender essa demanda.

O racismo vem atrelado em situações que muitas vezes acabam passando despercebidas no cotidiano, mas na função de educadores precisamos estar sempre atentos e interferir nessas situações. A forma que o cabelo crespo é encarado, por exemplo, muitas vezes a criança que tem seu cabelo crespo natural acaba sendo vítima de diversas situações racistas. Mas uma outra criança negra também pode ser vítima de racismo tendo seu cabelo alisado, o que nos leva a refletir sobre a pluralidade existente na comunidade negra e que em hipótese alguma podemos simplificá-las e esquematizá-las com características únicas e rígidas, como Lélia Gonzalez formula em ‘Lugar de Negro’ (1982). E cabe ao educador respeitar a diversidade existente em seus estudantes negros, ponto que pode ser observado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira: à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história: Interferindo em situações racistas (como foi citado o

exemplo do cabelo), não entendendo uma situação mais grave que a outra já que o racismo é uma calamidade em qualquer situação. Explorando também esse discurso em suas aulas, abandonando o ensino tradicional de só falar dos negros em aulas pontuais (como a do período escravocrata) mas abordar a pluralidade do povo, da cultura e religião para que os mais diversos perfis de estudantes sejam alcançados no ensino, na autoidentificação e no respeito com o diferente. Observando ainda o documento Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira , conseguimos elencar ainda mais algumas conduções para serem realizadas pelos educadores, como: à igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos; ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira; à superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros, os povos indígenas e também as classes populares às quais os negros, no geral, pertencem, são comumente tratados; o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas; educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando a preservá-lo e a difundi-lo, entre outros.

Discutir sobre educação anti racista e não falar sobre currículo é basicamente impossível. É necessário pensar no currículo de forma plural que aborde as vivências e realidade do estudante mas que também englobe conhecimentos que o educando não tem acesso em seu cotidiano, sendo capaz de abordar as diversidades existentes, além das funções atribuídas a todo corpo escolar, de modo que todos se sintam contemplados e seja possível vivenciar e trabalhar com respeito à diversidade. É importante trabalhar o currículo de forma plural para que se exista um assemelhamento dos indivíduos com os conteúdos que estarão sendo estudados, entendo que, a não inclusão de assuntos no currículo além de gerar um não reconhecimento por parte dos estudantes que se sentirão excluídos também vai corroborar para a manutenção de preconceitos por parte dos indivíduos que não tiveram a oportunidade de estudar e desconstruir determinado conhecimento. De acordo com Sacristán (1995, p. 97), os conteúdos que são selecionados no currículo dificilmente têm o mesmo significado para os diversos indivíduos e essa falta de representatividade no currículo reflete na desigualdade de oportunidades e na incapacidade da escola de apresentar a seus estudantes a diversidade cultural existente. E mesmo defendendo um currículo que

seja plural e que consiga englobar os mais diversos temas, acredito que seja importante salientar que a temática sobre a História e Cultura Afro-brasileira é obrigatória desde 09 de janeiro de 2003 e que as escolas não podem se omitir de trabalhar o tema com seus estudantes.

2.3 LITERATURA INFANTIL AFRO BRASILEIRA

Ao falarmos em literatura infantil precisamos entender o conceito, segundo Cunha (2003) são obras que trazem o interesse e a identificação da criança, ou seja, são obras voltadas ao público infantil que trazem consigo todo universo e o que cativa as crianças. Mas se existe essa categoria voltada ao público infantil no geral, se faz necessário a existência de uma outra categoria dessa vez voltada ao público infantil negro? E a resposta é sim, já que não existia a preocupação de ter essa representatividade nos livros infantis, ou até, quando se tinha, era de forma estereotipada ou subalterna. Desse modo, a literatura infantil afro-brasileira é uma categoria específica de obras voltadas para o público infantil mas que tenham em sua composição representatividade negra, com a cultura, ancestralidade, fenótipos, costumes e histórias tendo destaque e sendo enaltecidos. A importância dessa categoria para a população preta e parda é inegável, através dela que nossas crianças de cor crescem aprendendo sobre si, sua história, podendo se reconhecer nos livros.

Em uma pesquisa prévia realizada no repositório do curso de pedagogia da UFRPE³, utilizando as palavras-chave "Educação anti racista" e "literatura afro-brasileira" conseguimos identificar algumas monografias relacionadas a essas temáticas. Dentre as monografias encontradas, foram selecionadas três entendendo ser as que mais se aproximam da temática e dos objetivos do atual trabalho. Os títulos dos três trabalhos selecionados para estudo são: "Literatura Infantil Afro-Brasileira: Possibilidades e Contribuições na (Re) Construção da Identidade de Crianças Negras"; "A Literatura Infantil Afro-Brasileira na Construção da Identidade Étnico-racial" e "Representação do cabelo Afro: A Identidade Negra Vista na sala de Aula".

De modo geral, os títulos selecionados trazem um objetivo em comum, presente

³ Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/25>

inclusive nos títulos, que é a preocupação com a identidade negra. Essa preocupação se apresenta de duas formas distintas: Em como a figura negra é representada na literatura infantil e a receptividade, ou a falta dela, em sala de aula dos traços negroides, especificamente do cabelo crespo. Todos os três trabalhos são de caráter qualitativo e foram realizados em salas de aula, em turmas do fundamental, utilizando da observação e da coleta de dados como metodologia.

Um ponto em comum entre as três monografias selecionadas é que todas citaram e enfatizaram a importância e a conquista da Lei 10.639/2003, com o propósito de ser utilizada como uma ferramenta de combate ao racismo. E embora seja de forma unânime a importância da garantia de se trabalhar a cultura e a história preta em sala de aula, na prática ainda está um pouco distante do que seria ideal ao se tratar do tema.

O primeiro trabalho estudado, "Literatura Infantil Afro-Brasileira: Possibilidades e Contribuições na (Re) Construção da Identidade de Crianças Negras" da autora Misseline Maria (2016) foi desenvolvido em uma turma de 2º ano do ensino fundamental I, e tem como objetivo entender a relação entre a literatura e a possibilidade de se trabalhar as questões raciais em sala de aula. A autora enfatiza no seu trabalho a ausência de recursos visuais com personagens pretos na escola, como também a ausência de uma constância na utilização da literatura infantil afro-brasileira.

O segundo trabalho, sob o título: "A Literatura Infantil Afro-Brasileira na Construção da Identidade Étnico-racial" das autoras Fernanda Lima e Celeste Gama (2018), através de uma pesquisa-ação tiveram como foco trabalhar as questões raciais através da literatura com o objetivo de que os estudantes da turma refletissem, principalmente, a respeito da imagem do negro, podendo ou não se identificar como um e dessa forma, enaltecer os traços e as características comum do povo. Um ponto levantado pelas autoras foi a dificuldade das crianças negras da turma se reconhecer como, mesmo após todo o trabalho realizado por elas, reforçando dessa forma o racismo impregnado em nossa sociedade, no qual ainda existe muito estigma em cima do corpo negro e a constante associação da cor ao negativo.

O último trabalho estudado do repositório de pedagogia foi: "Representação do cabelo Afro: A Identidade Negra Vista na sala de aula" da autora Andrea Maria (2018), foi o único das monografias selecionados a não se trabalhar com a literatura infantil afro-brasileira, através de observações a autora buscou refletir em relação a forma que

a literatura afro-brasileira tem tratado os traços negroides e de que forma esses traços estão sendo valorizados, ou não, especificamente o cabelo crespo. De acordo com o que foi observado pela autora, a mesma conclui que ainda há um longo caminho a ser percorrido até que a educação seja em sua totalidade uma ferramenta anti-racista.

Entendendo a relevância da leitura como um todo, e especificamente a relevância de utilizar ela como uma ferramenta em combate ao racismo que conseguimos perceber ainda mais a importância do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), sendo esse um programa de políticas públicas que foi criado em 1997 e tem como objetivo incentivar a leitura. Esse programa vem como uma alternativa, trazendo dezenas de livros a serem abordados em sala de aula e assegurando que temas tão importantes quanto a questão étnico racial seja vista em sala de aula. Mas ao analisar a realidade, podemos nos surpreender de forma não positiva. Tatiana Valentim em sua dissertação intitulada “A Literatura de Temática da Cultura Africana e Afro-brasileira nos acervos do Programa Biblioteca da Escola (PNBE)” fez um levantamento dos números dos livros com a temática da cultura africana e afro-brasileira, dentre os anos de 2008;2010;2012 e 2014, e dos 360 livros apenas 61 se encaixavam na categoria selecionada, o que nos faz refletir sobre a falta de relevância que se dá ao tema, mesmo que por programas tão importantes. A autora ainda fez uma análise desses 61 livros e o resultado ainda é mais impressionante, a maioria trazendo o personagem negro apenas como secundário, sem narrativa própria, com ilustrações estereotipadas ou traços brancos. A autora pontua que mesmo com o baixo número voltados para a temática, uma análise dos mesmos trouxe apenas que 12 desses livros possam de fato serem utilizados com a finalidade de trabalhar a cultura africana e afro-brasileira de forma positiva em sala de aula.

Trazendo a discussão especificamente para as obras contemporâneas, talvez surja a sensação de que com todo debate que existe nos dias atuais não existe espaço para que obras atuais que trabalhem a temática sejam racistas, mas logo percebemos que ainda estamos propensos a vivenciar isso ao analisar um livro publicado em 2015 por título ‘Abecê da Liberdade: A história de Luiz Gama’, que tem como objetivo narrar a trajetória de uma figura histórica para comunidade negra mas vem carregada de colocações racistas, trazendo adjetivos inaceitáveis para a mãe de Luiz Gama além de abordar a travessia marítima como algo engraçado. O que nos leva a refletir sobre o quanto é necessário que exista uma frequente busca para que os livros que são

abordados na escola consigam abranger temas necessários mas que esses livros também sejam analisados para que seja garantido que a forma que a obra aborda, seja de maneira positiva.

Dessa forma, se faz necessário que existam categorias para que o processo de análise ocorra de maneira eficiente. De acordo com Adlene Silva Arantes, em sua tese de professor associado 'Literatura Infantil com Personagens Negros' em 2022 podemos observar a existência de categorias de acordo com o objetivo de livros literários que se enquadram na temática anti racista. A autora dividiu nas seguintes categorias:

- Livros com conteúdo folclórico: Sendo as obras que tem como personagens figuras do folclore que sejam negras como o Saci pererê e o negrinho do pastoreio;

- Livros com conteúdo informativo: São obras que trabalham conteúdos de componentes curriculares que sejam voltados para a cultura afro-brasileira;

- Livros com conteúdo ancestral: São as obras que trazem seus personagens relacionados aos antepassados do continente africano, em relação a cultura desses povos, com o objetivo de preservar esses elementos culturais .

- Livros com conteúdo identitário: São os livros que trazem personagens negros que tenham um reforço em relação a identidade dos mesmos de forma natural e positiva.

3 UBUNTU FRISTAILI

*“A África está nas crianças, e o mundo?
O mundo está por fora.”*

5.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para esta monografia, que tem por objetivo pesquisar e analisar três obras para saber se os livros trarão ou não características para sua utilização em sala de aula como uma ferramenta antirracista, a metodologia escolhida é de cunho qualitativo, que tem como foco examinar as evidências com base em textos e na oralidade. Segundo Ludke e André (1986) p.18 , pesquisa qualitativa é: “É o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Ao estarmos falando sobre a atual realidade no ambiente escolar e a forma como ainda são trabalhadas as questões étnico raciais, e ao abordar a escolha do livro como uma ferramenta, vamos precisar trazer diversos dados descritivos acerca do livro e da atualidade da educação no enfrentamento ao racismo, mesmo entendendo a complexidade em que tudo está inserido. Ou seja, por entender que a problemática surgiu através de situações naturais, pela pesquisa acontecer com um plano aberto suscetível a mudanças no decorrer do processo, pela necessidade de trazer dados descritivos e por entender a realidade que vivemos como complexa e contextualizada, foi que concluímos que a melhor abordagem para tal é a qualitativa.

Gatti (2002, p. 9) resume a pesquisa como o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. Dessa forma, a proposta neste trabalho é a de pesquisar especificamente algumas obras na tentativa de encontrar nelas características que possam ser utilizadas com uma finalidade de enaltecimento à negritude.

A abordagem escolhida foi a de pesquisa bibliográfica, que consiste na pesquisa e análise de registros escritos com um propósito. O que poderia dificultar o trabalho de análise é a dificuldade de acesso a obras, mas tendo em vista que o material a ser analisado está disponível para o manuseio sabemos que não teremos grandes problemas.

Ciente que a pesquisa bibliográfica e a análise documental tem alguns pontos em comum, Barbosa (2008) cita três pontos positivos na escolha da análise documental que também conseguimos perceber na pesquisa bibliográfica, que é a metodologia utilizada neste projeto de pesquisa, que são: baixo custo; o tempo de obtenção é reduzido; a informação é estável. O último ponto é o mais importante, tendo em vista que a integridade das informações é essencial para garantir uma confiabilidade nesta monografia.

E é compreendendo a diferença entre a pesquisa bibliográfica e a análise documental que conseguimos entender a escolha metodológica: enquanto a análise documental foca em um momento histórico e se debruça em documentos relevantes para a temática, a pesquisa bibliográfica já tem um objeto de estudo selecionado, como no nosso caso os livros, e constrói a partir de então sua pesquisa.

Segundo Lavine Dione (1999), os documentos existem para serem analisados, criticados, tendo sua qualidade julgada segundo as necessidades da pesquisa. Ciente de que o objetivo deste trabalho é analisar três obras e descobrir se elas possuem determinadas características, ocorreu a seleção dessas obras que fazem parte da literatura infantil afro-brasileira da atualidade para que a análise ocorresse e os objetivos da pesquisa fossem alcançados.

4. BOA ESPERANÇA

*"Os livro que roubou nosso passado igual Alzheimer, e vai ver
Que eu faço igual Burkina Faso
Nóis quer ser dono do circo
Cansamos da vida de palhaço"*

Para que possamos realizar a análise dos livros, ficou determinada a escolha de três tópicos, sendo eles: Conhecendo os livros e seus/suas autores(as): produção e circulação; A forma com a qual os protagonistas afirmam ou constroem sua negritude ao decorrer dos livros e como ocorre a representação das divindades. Os três tópicos foram pensados para que os objetivos do atual trabalho fossem alcançados e de fato constatarmos se na atualidade existem obras que possam ser trabalhadas em locais educacionais com a finalidade de construir ou corroborar para uma educação antirracista.

Desse modo, entendemos que, para tal, a forma com que se é construída a identidade negra, seja do protagonista ou dos personagens secundários, é de extrema importância pois irá refletir diretamente na forma como os leitores irão se identificar. Também é de suma importância o trabalho efetivo relacionado às religiões de matriz africanas por entendermos a forma como os praticantes são vistos socialmente, tendo em vista que suas divindades e sua fé são demonizadas constantemente. Vale salientar que todas as obras analisadas foram escritas e ilustradas, coincidentemente ou não, por pessoas pretas que lutam por uma sociedade livre do racismo.

A partir das categorias observadas na tese de Adlene Arantes (2022), podemos perceber que os livros estudados em nosso trabalho se encaixam em mais de uma categoria, especificamente duas dessas: Livros com conteúdo ancestral e livros com conteúdo identitário.

Ao entender que, os livros com conteúdo ancestral, segundo as categorias e definições escolhidas a partir da tese de Adlene Arantes (2022), são as obras que trazem seus personagens relacionados aos antepassados do continente africano, em relação à cultura desses povos, com o objetivo de preservar esses elementos culturais. Podemos perceber a existência dessas características em todos os livros que estão

sendo analisados. Em Amoras a ancestralidade aparece na narrativa com a abordagem de personalidades de extrema importância para o movimento negro, como Zumbi dos Palmares e Martin Luther King, sendo esses celebrados e tendo sua trajetória valorizada. Em “O Pequeno Príncipe Preto” e “Com que Penteado Eu Vou?” A ancestralidade é abordada na dimensão familiar, ciente de que somos hoje porque minha mãe veio antes de mim, que antes veio minha avó, que foram trazidos de África e somos porque houve resistência, luta mas também brilho, força, cultura, celebração.

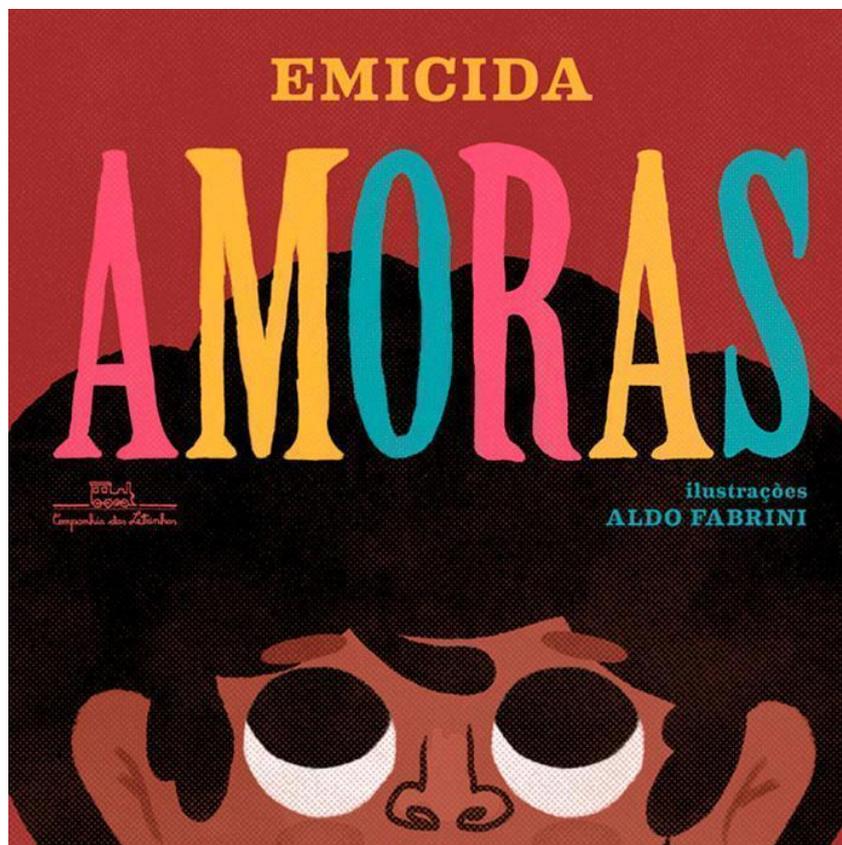
A segunda categoria que podemos observar é a de livros com conteúdo identitário, sendo essa os livros que trazem personagens negros que tenham um reforço em relação a identidade dos mesmos de forma natural e positiva. O que podemos mais uma vez perceber em todos os livros analisados, sendo todos com o personagem principal e os secundários negros e tendo a beleza e singularidade de todos valorizada de forma natural e positiva durante as narrativas.

4.1 Conhecendo os livros e seus/suas autores(as): produção e circulação

É fundamental compreender a obra estudada dentro de sua produção e circulação. Em relação à produção, o primeiro livro escolhido foi “Amoras”. Lançado em setembro de 2018, o livro ganhou grande repercussão por todo o país, sendo o primeiro livro de autoria de Emicida, conhecido no cenário do Rap nacional. Ainda no ano de sua estréia, o livro do rapper ganhou destaque na mídia e foi muito vendido em todo o país, estando até os dias atuais entre os mais vendidos em diversas plataformas de vendas online. A Folha de São Paulo, ainda em 2018, convidou 39 especialistas para listar os destaques do ano e Amoras estava entre os três destaques dessa lista nas indicações de literatura infanto-juvenil⁴. Após a grande repercussão e sucesso de seu livro, Emicida resolveu lançar uma versão animada no Youtube em 12 de

⁴ SANITÁ, Karina. Livro do rapper Emicida está entre destaques da Literatura InfantoJuvenil em 2018. Folha, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/guia-livros-discos-e-filmes/2018/12/livro-do-rapper-emicida-esta-entre-destaques-da-literatura-infantojuvenil-em-2018.shtml>. acesso em: 05/04/2023

novembro, ainda em 2018⁵. Ocupando sempre uma colocação entre os mais vendidos do país, segundo o site Ceará Crioulo, o livro chegou a subir ainda mais no ranking dos mais vendidos do país em 2020, chegando a ocupar a 15a colocação⁶.



"Amoras" foi o primogênito livro infantil de Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida. Nascido em São Paulo no dia 17 de agosto de 1985, ele é um dos nomes mais respeitados no cenário do rap nacional. Tendo o início de sua carreira em duelos de MCs, Emicida cresceu nas favelas de São Paulo e teve uma infância difícil e de muita luta. De muitas possibilidades que Leandro é, podemos citar que o mesmo é rapper, cantor, compositor, apresentador brasileiro e recentemente foi convidado para ir como mestre para a Universidade de Coimbra realizar uma série de palestras e entrevistas. Ao se referir ao primeiro livro que escreveu, Emicida cita a

⁵EMICIDA. Por que o Emicida fez um livro infantil?, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs> . acesso em: 17/04/2023.

⁶ CASTRO, Bruno. "Amoras", de Emicida, entra na lista de livros mais vendidos da Amazon. Ceará Crioulo, 2020. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/amoras-de-emicida-entra-na-lista-de-livros-mais-vendidos-da-amazon/> . Acesso em: 05/04/2023

seguinte frase: "Referência simples, mas que eu não tive"⁷, se referindo à representatividade encontrada no livro, na qual suas filhas se identificam como também diversas outras crianças por todo o país.

O livro, que teve ilustrações de Aldo Fabrini, foi inspirado em uma música do autor em homenagem à sua filha. Ele fala sobre a necessidade de olharmos para as coisas simples da vida, indagando situações comuns como o motivo das crianças chorarem ao nascer, de nos orgulharmos de quem somos e de nossas origens. A protagonista do livro é uma criança preta, com a presença de algumas figuras históricas importantes para a comunidade mundial como também a presença marcada da religião herdada dos povos vindos de África.

O segundo livro analisado foi resultado de um espetáculo, um grande sucesso dos palcos, sendo vista por mais de 60 mil pessoas por todo país⁸. A variante de O Pequeno Príncipe com o protagonista preto ganha sua versão literária no ano de 2020. A obra de Rodrigo França possui algumas semelhanças com a versão original, como o protagonista viver em um planeta sozinho com uma árvore, a presença de uma raposa na história e o fato de ser trabalhada a ressignificação de valores, como o discurso do cativar o outro. Mas ao se referir às semelhanças, ainda na entrevista ao Correio Braziliense, o autor fala sobre seu olhar em querer provocar as pessoas pelo fato de não se ter histórias com príncipes e princesas pretos com a história do segundo livro mais vendido do mundo.

⁷ EMICIDA. Por que o Emicida fez um livro infantil?, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3czQelua5nA&t=192s> . Data de acesso: 17/04/2023

⁸ IZEL, Adriana. 'O pequeno príncipe preto' traz menino negro ao protagonismo da narrativa. Correio Braziliense, 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/03/14/interna_diversao_arte.834151/livro-o-pequeno-principe-preto-de-rodrigo-franca.shtml . Acesso em: 05/04/2023



Mesmo já tendo uma carreira, Rodrigo França participou de um reality show brasileiro, o Big Brother Brasil no ano de 2019 e foi a partir de então que ficou conhecido nacionalmente. Abordando temáticas de extrema importância no programa, Rodrigo trouxe através de um programa de TV um debate amplo sobre diversos temas, como racismo estrutural, mercado de trabalho, blackface, local de fala entre outros. O autor do livro fala, em entrevista realizada ao Correio Brasiliense, que em seu local de professor fica satisfeito em, mesmo não tendo conseguido o prêmio, ter proporcionado essas discussões e reflexões em diversas pessoas. França é articulador cultural, ator, diretor, cientista social e filósofo político e jurídico.

Escrito por Rodrigo, o livro conta com ilustrações de Juliana Barbosa Pereira e foi lançado no ano de 2020. O livro é uma releitura do clássico O pequeno príncipe, de Saint-Exupéry, e tem como principal modificação o protagonista ser dessa vez uma criança preta. No decorrer do livro podemos perceber que as adaptações vão bem além do protagonista, tendo por exemplo a árvore do país em que o príncipe mora deixando de ser uma erva daninha e sendo representada como um Baobá, árvore sagrada para diversas culturas africanas, como também podemos observar na

narrativa do livro referências aos Orixás, enaltecimento da cor e traços do protagonista e crítica ao racismo.

O terceiro e último livro, "Com qual penteado eu vou?", aborda a diversidade e a individualidade de cada um, mesmo em um local como nossa família, com a qual em diversos pontos teremos semelhanças, mas ainda assim teremos diversos pontos distintos, e que eles precisam ser vistos e respeitados.



O livro é uma obra da lyálorisá Kiusam de Oliveira que foi incentivada por sua família a escrever desde muito pequena, tendo hoje em dia uma coleção de premiações por suas diversas obras, entre elas o Prêmio ProAC Cultura Negra 2012 com o livro 'O mundo no black power de Tayó'. Kiusam foi considerada pela ONU uma das dez escritoras mais importantes do mundo para a formação infantil⁹. A autora também é pedagoga com mestrado em psicologia pela USP e doutora em Educação.

⁹ FRANKLIN, Lais. Conheça Kiusam de Oliveira, autora que combate o racismo e propõe identidades menos tóxicas em livros infanto-juvenis. Vogue, 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2020/04/conheca-kiusam-de-oliveira-autora-que-combate-o-racismo-e-propoe-identidades-menos-toxicas-em-livros-infanto-juvenis.html> . Acesso em: 17/04/2023.

As ilustrações da obra foram feitas por Rodrigo Andrade. A narrativa da história tem como foco uma família negra no qual a autora faz questão de enfatizar a diversidade que pode ser encontrada entre o povo preto, diversidade essa que fica notável ao observar as imagens no qual percebemos a representação de crianças com vitiligo, albina e síndrome de Down. A autora prezou em abordar temas de extrema importância como enaltecimento dos traços negróides, a importância da ancestralidade, o afeto e cuidado dos semelhantes e o resgate da identidade de forma leve e eficaz. Ao abordar nomes de origem Africana a autora nos faz refletir na importância de sabermos de onde somos, já que nos é negado esse fato ainda.

4.2 Como os protagonistas afirmam sua negritude através das narrativas

Na narrativa de “Amoras” tudo ocorre de maneira mais sucinta e de forma singela, mas é possível perceber no decorrer da história o cuidado que existe ao se trabalhar os temas ligados à negritude, tanto no monólogo do narrador quanto na sua interação com a protagonista. Conseguimos perceber na história, diversos momentos em que o narrador está sempre trabalhando as questões de identificação e identidade com a pequena, trabalhando desde as divindades da religião a figuras históricas importantes para a comunidade negra, com a finalidade de trabalhar justamente essa consciência racial na protagonista.

Segundo Conceição e Conceição (2010) é importante que na construção de suas identidades, crianças negras tenham representação positiva, o que não ocorre com a mesma facilidade e acesso que as crianças brancas. A primeira reafirmação na construção dessa negritude no livro, conseguimos observar já nas primeiras páginas, no qual o narrador faz comparação sobre o pensar puro das crianças com um Orixá, dessa forma conseguimos perceber a construção da negritude da protagonista não apenas voltada para o fenótipo da mesma, mas também englobando a cultura, religião, costumes e história de seu povo.

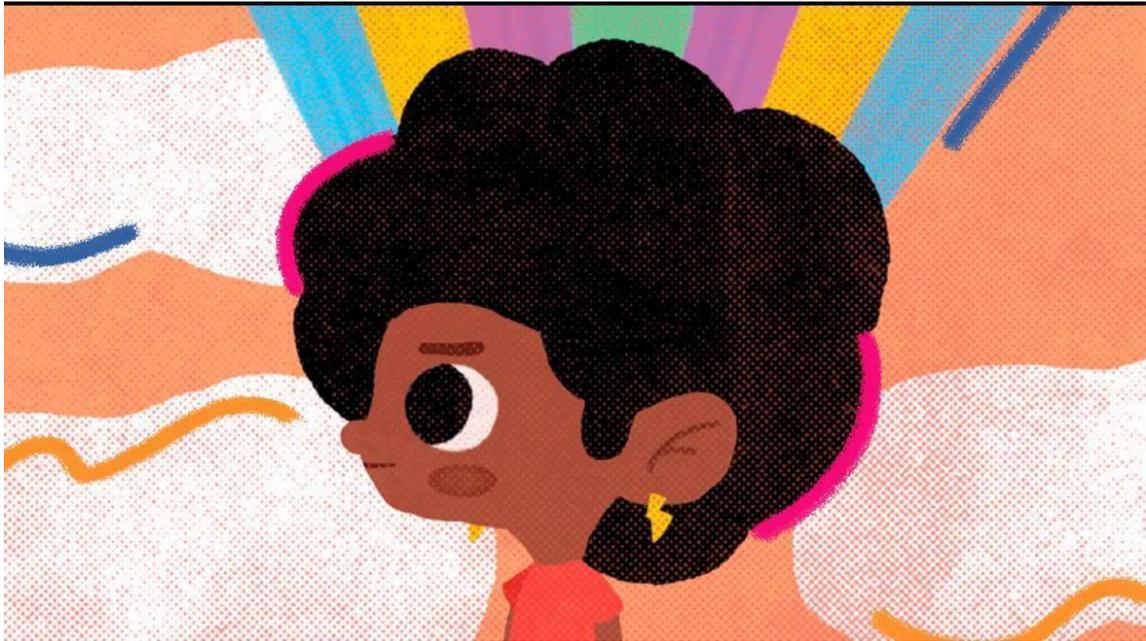
Conseguimos ainda perceber a construção dessa negritude na forma com a qual as características da protagonista são evidenciadas pelo narrador. Por mais que a

narrativa não se estenda falando sobre as características físicas de Amora, os momentos pontuais que ocorrem são de grande importância. O narrador de forma despretensiosa apenas fez uma breve e leve comparação das características da menina com elementos naturais: “ Com olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem”

Não existe a necessidade de explicar os adjetivos relacionados à protagonista, ou de se estender nos elogios, como se a mesma já estivesse habituada a escuta-los e entendesse muito bem o que o narrador pretende ao citar seus olhos e cabelos e concordasse com o mesmo. Para além de focar nas características físicas, também é ressaltado o aspecto intelectual da protagonista, com o narrador fazendo questão de evidenciar que, por mais que o próprio se esforce para ensinar o que sabe para a pequena, é com ela, e com os iguais a ela, que ele vem aprendendo.

Ao abordar figuras como Zumbi e Martin Luther King fica nítida a intenção do interlocutor em trazer para a protagonista referências que são de extrema importância para a comunidade negra, para que a mesma tenha conhecimento de sua história e se sinta representada por eles. A forma com a qual esses personagens são abordados na narrativa é poética, destacando características dos mesmos e associando-as à protagonista. Reforçar para a menina que ela é forte igual a um lutador no ringue, que é gentil como MLK, que Zumbi teria orgulho da mesma ao olhá-la nos olhos faz com que a criança assimile tudo o que vem sendo ensinado para ela e fique feliz com a conclusão que chegou: “ Papai que bom, porque eu sou pretinha também”.

Conseguimos observar a absorção e concretização de tudo que foi abordado com a protagonista no final, quando a mesma consegue assimilar tudo e trazer para si, se identificando enquanto preta também. Em um passeio no pomar, observando amoras a pequena conseguiu assimilar tudo o que foi passado para a mesma sobre si, sua história, seus traços, o que refletiu na importante conclusão de se reconhecer enquanto uma criança preta que tem orgulho de quem é, dos seus, da história de seu povo e de seus antepassados.



Já no livro "Com que penteado eu vou?", percebemos desde o princípio que a relação que a protagonista tem com sua negritude é bem positiva, inclusive a percepção da mesma em relação à diversidade da própria raça, com ela fazendo diversos comentários em relação a seus semelhantes e às características dos mesmos. No livro os penteados são um ponto abordado de forma aprofundada, tendo destaque em toda a narrativa como algo positivo, demonstrando a pluralidade existente e as formas de existir. Percebemos a exploração de adereços e diversas curvaturas de cachos, enaltecendo as diferenças de modo que todos tenham sua beleza celebrada.

Para comemorar uma data tão importante como o centenário de seu bisavô, a protagonista quer ficar muito bonita e precisa escolher um penteado para o momento. No colo de sua mãe, a pequena brinca com sua boneca preta e decide o penteado que vai fazer. Acredito que a construção da negritude no livro acontece de forma conjunta com todos os personagens da história já que são uma linda e grande família preta que fazem questão de celebrar quem são. Já na segunda página, enquanto a mãe termina seu penteado e a pequena brinca com sua boneca fica nítida a preocupação da família em trazer uma representação positiva para a protagonista, inclusive tendo o cuidado na escolha das bonecas da mesma para que sejam parecidas com ela. E por mais que não seja explorado no texto a respeito da boneca, fica evidente na figura trazida pelo livro, que também é um elemento de extrema importância para a construção do significado e impacto que irá causar nos leitores da obra. A partir da imagem,

entendemos que a boneca que a protagonista segura é uma Abayomi, com grande importância para cultura afro-brasileira. Abayomi significa “encontro precioso” em yorubá, e segundo a história¹⁰, durante o deslocamento de África para as Américas, as crianças ficavam muito agitadas e choravam bastante e como uma alternativa para acalmá-las as mães faziam bonecas de pano com pedaços de suas roupas com nós e tranças, as abayomis. Sendo as primeiras bonecas trazidas de África para cá, as bonecas representam mais que um brinquedo, mas também um símbolo de resistência.



No decorrer da narrativa, conseguimos observar como a autora e o ilustrador exploraram a diversidade que podemos encontrar dentro da comunidade negra, fazendo questão de refletir nos membros das famílias os mais diversos e múltiplos penteados: com adereços ou não, várias curvaturas nos cachos, tranças ou dreads,

¹⁰ PINTO, Tania. Abayomi, a boneca dos navios negreiros. Primeiros Negros, 2022. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/abayomi/>

soltos ou presos, cabelos escuros ou claros, pintados ou não. E continuamos percebendo essa diversidade no tom de pele dos membros da família, como também no cuidado da autora em trazer a existência de negros enquanto pessoas com deficiência. O que nos faz voltar a refletir sobre o que Lélia Gonzalez formula em 'Lugar de Negro' (1982) na pluralidade existente no nosso povo, e que não podemos em hipótese alguma tentar simplificar ou de alguma forma esquematizar, até porque nós enquanto negros, estamos vulneráveis ao racismo e é muito importante o fato da autora se preocupar em trazer toda essa diversidade de forma a enaltecer tons, traços, curvaturas, entre outras características para que um maior número de crianças se reconheçam e consigam se empoderar.

A negritude da pequena e de seus membros familiares continua sendo evidente com a decisão dos bisnetos em presentear seu bisavô com as virtudes que cada um possui, a partir do que podemos deduzir que existe uma conversa dos adultos com as crianças sobre quem são, exaltando suas características nessa perspectiva de sempre estar construindo uma identidade positiva, que está atrelado à questão fenotípica mas também na cadeia psicológica, sobre quem é para além do físico. Ao observarmos as crianças da família esse aspecto fica ainda mais evidente, já que o nome de todas tem como origem países africanos, o que nos faz refletir sobre a aproximação da família com a cultura de seu continente de origem e como eles decidiram mantê-la em seu núcleo familiar. Reforçando o orgulho que os mesmos têm sobre quem são e como decidiram manter em sua família tendo toda uma preocupação com as crianças e em como decidiram ajudar na construção da negritude de cada uma delas.

No livro "O pequeno príncipe negro", a forma com a qual o nosso príncipe enxerga sua identidade é extremamente evidente na narrativa do livro, no qual o autor evidenciou os fenótipos do mesmo, exaltando suas características de forma positiva. O autor separou páginas em específico para tratar apenas da identidade do protagonista: a cor de sua pele, sendo comparada à cor do solo pontuando sobre as variedades de tonalidades que podem ser encontradas, a sua boca carnuda, o sorriso, nariz, olhos escuros, cabelo, tudo sendo trabalhado de forma a trazer uma reflexão positiva aos traços citados.

A construção feita no livro em relação à negritude do protagonista está diretamente ligada aos seus antepassados, reforçando o fato de que o que somos e como somos hoje é através de muitos outros que vieram antes de nós e que o legado

dos mesmos não pode ser esquecido. Com todo cuidado possível, o autor associou o tudo o que o protagonista é com o seu passado, fazendo uma ligação não apenas do físico mas também da sabedoria que foi passada pelas gerações.

Ainda nas primeiras páginas do livro, podemos observar que o autor destinou páginas específicas para tratar apenas dos fenotípicos do protagonista com o objetivo de enaltecer características do mesmo. O protagonista do livro é um menino retinto, como podemos analisar nas imagens do livro, mas o autor teve o cuidado de falar sobre a diversidade das tonalidades que podemos encontrar. Para além da cor do protagonista, também é abordado e trabalhado o respeito por seus traços, sua boca carnuda, seu nariz de batata, seus olhos escuros, seu cabelo. O mais interessante é que, não apenas é citado os traços do garoto mas existe uma comparação como por exemplo quando o mesmo fala sobre seu 'nariz de batata', o que geralmente vemos sendo feito de forma pejorativa, mas o livro aborda como algo positivo e uma reafirmação do mesmo falando como ama seus traços.



Podemos então, concluir de todo esse tópico é que as identidades negras dos/as protagonistas dos livros são construídas através de narrativas que enfatizam a

valorização tanto dos seus traços fenotípicos (incluindo aqui sobretudo a tonalidade de pele e os cabelos, mas não só) quanto de elementos culturais (no caso, a importância de personagens históricos e da ancestralidade familiar). Essas características se misturam nas histórias mostrando crianças que constroem uma visão positiva sobre si mesmas e os seus semelhantes.

4.3 Como ocorre a representação das divindades

A liberdade religiosa é assegurada por nossa constituição (BRASIL, 1988), através do artigo 5 podemos observar que todos são iguais perante a lei, inclusive independente da religião exercida pelo indivíduo. Ainda no artigo 5, o inciso VI reafirma e pontua em relação à religião sendo “inviolável a liberdade de consciência e de crença...”. Para além do embasamento da nossa constituição, nossa lei maior, à, como já foi citado, leis para garantir que a cultura afro-brasileira seja estudada nos espaços escolares. O Brasil sendo um país colonizado e tendo desde o início o interesse em perseguir, matar, destruir tudo que fugisse do que se era tido pelos brancos como o certo a ser seguido, hoje se depara com situações em diversos âmbitos sendo uma herança desse processo. Dentre as situações que vivenciamos atualmente como resquício do processo escravocrata podemos citar o racismo religioso que muitos intitulam como intolerância religiosa, mas entendendo o contexto de nosso país tendo o cristianismo como salvação e as religiões de matriz africana e indígenas sendo associadas ao demônio conseguimos concluir a nomenclatura que mais se adequa a situação, racismo. Sendo então a intolerância religiosa a discriminação a grupos ou pessoas de religiões diferentes da sua, sendo essa discriminação unicamente voltada para as crenças e relacionadas a religião especificamente. Ao falar de racismo religioso, está vinculado a discriminação religiosa, sendo mais complexo por ser um preconceito direcionado ao ódio a um povo específico e tudo relacionado a sua cultura e fé. “O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta”, através do conceito de Sidnei Moreira (2020) sobre o que seria o racismo religioso, podemos concluir ser além do preconceito a religião no geral, mas, específico por ser de origem do povo preto e ser condenado socialmente por isso.

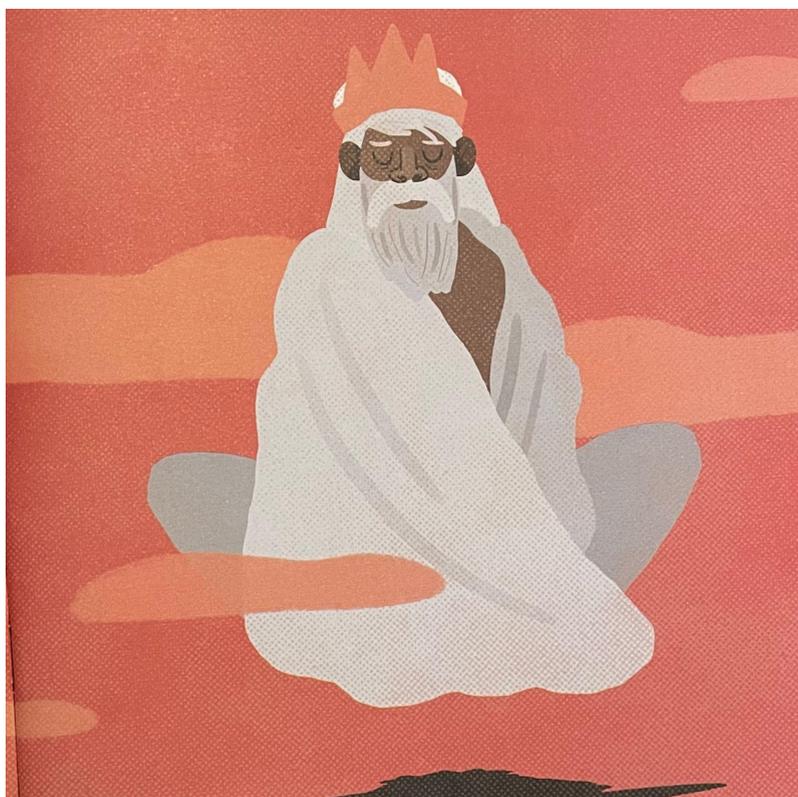
Como falado anteriormente, a questão das divindades é abordada no decorrer da narrativa dos livros. Sendo algo pontual em "Amora", dos livros que estão sendo analisados, ainda assim nele é trabalhada a pluralidade das divindades em diversas religiões. Iniciando falando sobre o choro da criança, o autor faz ligação com os seres superiores Alá, Deus e Obatalá trazendo todos no mesmo patamar em um diálogo simples e fácil ressaltando que a diferença existe apenas nos povos, sendo todos nomes voltados para o ser superior maior. Ao citar Obatalá, um dos Orixás que são cultuados nas religiões de matriz africana, o autor o associa à pureza de uma criança o que, ao meu ver, é de uma delicadeza extrema frente a todo racismo religioso que temos em nosso país. Logo em seguida o autor cita mais duas divindades de religiões diferentes, o Deus cristão e o do islã. Falando sobre o motivo do choro das crianças ao nascer, Emicida o justifica como sendo o afastamento do divino, ressaltando que este pode ter diferentes nomes a depender da localidade ou religião que estiver sendo falada. Mas para finalizar a abordagem em relação às divindades no livro, o autor comenta que o Deus que conhecemos pode aparecer em diversos nomes que decidiu morar em um lugar bem especial em cada um de nós. E por mais que não tenha citado, podemos perceber através das imagens, a associação que o livro também faz ao Hinduísmo, ilustrando a figura de Ganesha, um deus para a religião.

*“ Nesse planeta,
Deus tem tanto nome diferente
que, pra facilitar, decidiu morar
no brilho dos olhos da gente.”*

Recentemente circulou pela mídia um vandalismo, que ocorreu na Bahia, no qual uma escola particular em Salvador adotou o livro para ser utilizado no programa de leitura do colégio em uma turma do ensino fundamental e a mãe de um estudante fez anotações por todo o livro escrevendo versículos bíblicos, relacionando os Orixás citados no livro como ‘falsos’¹¹. O que revela e escancara o racismo no caso é que, por mais que o livro aborde diversas religiões, cite diversos deuses, a mãe do estudante focou sua atenção no que se referia aos Orixás insistindo em demonizá-los. Entendendo que uma das muitas formas de representação do racismo é de valorizar um, enquanto estigmatiza o outro, podemos enxergar o que aconteceu no caso citado.

¹¹ MELO, Mônica. Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/07/livro-infantil-de-emicida-e-alvo-de-intolerancia-religiosa-praticada-por-mae-de-aluno-em-escola-de-salvador.ghtml> . Acesso em: 05/04/2023

A mãe do estudante se coloca em um lugar de prestígio e tendo sua verdade como irrefutável não consegue perceber problemas em estar pontuando no outro características negativas, muitas delas existentes apenas em sua religião (como a comparação que fez dos Orixás aos anjos caídos), esquecendo da liberdade de existir, pensar e de expressão que o outro também possui e que precisa ser respeitada.

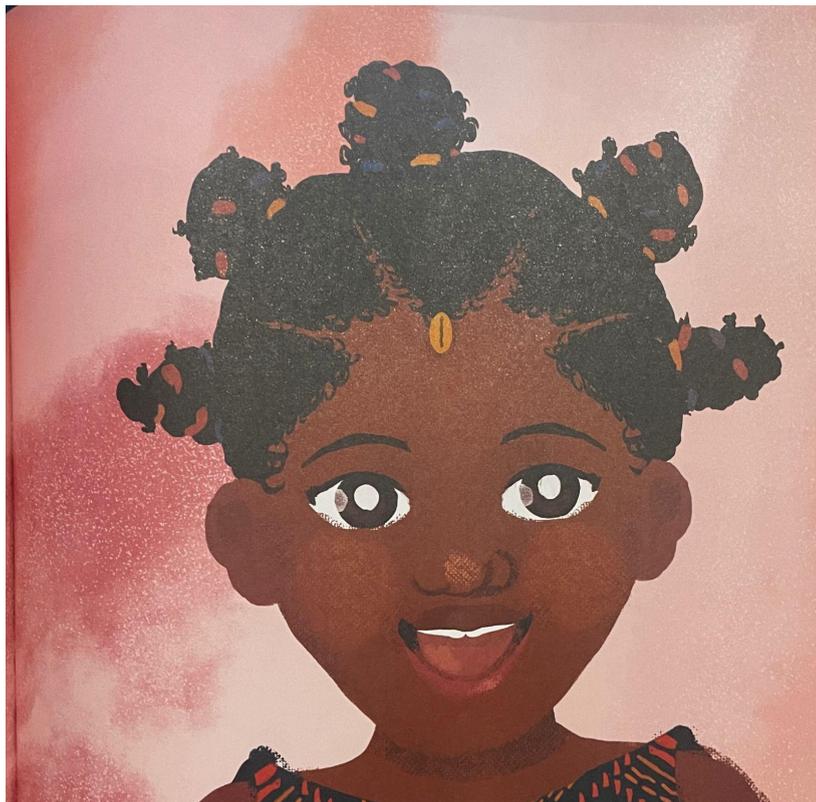


Em relação à forma com a qual o livro "Com Qual Penteados eu Vou?" aborda as questões religiosas, dentre os três livros analisados é o que mais aparece de forma tímida. Entendendo que, ao decorrer da narrativa não conseguimos observar grandes falas ou abordagens a respeito. Observamos isso no decorrer da narrativa em si, mas o livro é extremamente rico e tem em toda sua construção aspectos ligados ao candomblé, que vão desde a construção ideológica da autora às notas de dedicatórias do livro. Já nas primeiras páginas do livro, nas dedicatórias, a autora agradece a algumas pessoas importantes em sua vida, utilizando inclusive um vocabulário que se remete a religião da mesma, como também a seus Orixás. Já adentrando na narrativa em si, no texto escrito foi observado apenas uma única referência que foi ao citar Ifá, sendo por muitos até desconhecido. Por mais curta que seja a referência à religião, pelo contexto do livro podemos concluir que é algo presente na família do livro, já que não precisou de explicações quanto ao termo utilizado. Quem utilizou o termo foi uma

das crianças, no momento em que resolveu dar sua virtude de presente ao seu bisavô. Escolheu como presente sua paciência e completou dizendo que aprende com o Ifá sobre sua sabedoria para crescer. O que faz muito sentido, já que nas religiões de matriz africana o Ifá é considerado um oráculo que tudo sabe.

Ao observar as imagens, conseguimos perceber alguns adereços ligados à religião como os turbantes utilizados pelos personagens e o uso de búzios também. Os seguidores das religiões de matriz africana acreditam que a cabeça é um local sensível, de troca de energia, por isso da utilização dos turbantes. Dentro da religião ainda, existem outras explicações para a utilização do adereço sendo ele uma forma de identificar a qual Orixá a pessoa pertence, a depender da amarração, como também a hierarquia no terreiro. Um outro adereço observado nas ilustrações do livro foi o uso de búzios no penteado de uma das crianças, tendo os búzios uma importante função na religião.

Diferente de Amoras, esse livro e o Pequeno Príncipe preto trazem referências divinas apenas de religiões de matriz africana.



No “Pequeno Príncipe Preto” as referências das divindades, divindades essas voltadas para religiões de matriz africana, ficam explícitas desde as primeiras páginas, nas quais percebemos que a árvore do planeta do príncipe é um Baobá no qual o

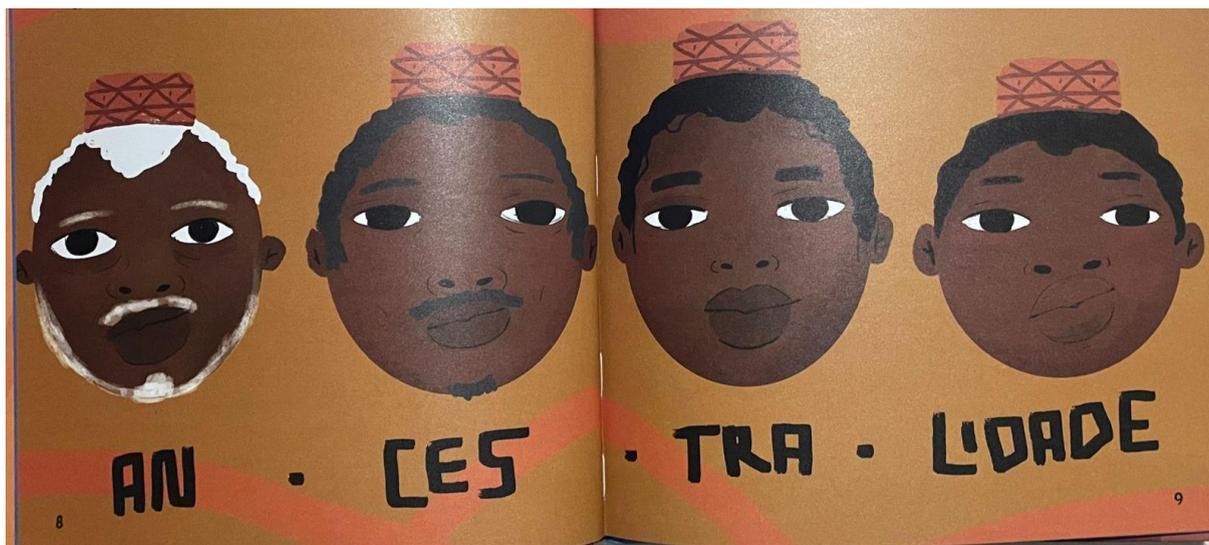
próprio faz a relação existente entre a árvore e o sagrado. Ciente de que o Baobá é uma árvore de grande importância para diversos povos africanos, sendo considerada a árvore da vida, conseguimos entender o motivo pelo qual o autor escolheu a árvore para colocar na adaptação, fazendo uma ligação direta entre o espiritual de crenças africanas e um personagem fundamental para enredo da história.

Ao abordar os Orixás, o autor fez de forma com que fosse entrelaçado ao enredo e de forma natural. No livro, após sentir o cheiro de terra molhada, o protagonista relembra um episódio que viveu, quando após muitos raios e vento acabou sendo levado para outro lugar. Ao se falar sobre a chuva que acabou levando o príncipe a outros planetas, foi de forma leve que os nomes de Iansã, sendo essa a representação dos fenômenos climáticos, e Xangô, o Orixá da justiça, dos raios, trovões e fogo, foram citados como justificativa para os raios citados no texto, o autor trouxe o enredo dos Orixás.

Um outro ponto ligado à religiosidade trabalhado no livro é a palavra UBUNTU, que significa “Eu sou o que sou devido ao que todos nós somos”, remetendo ao coletivo como também à ancestralidade. Ao se abordar sobre ancestralidade, podemos citar um vídeo realizado para o canal GNT¹² com a doutora em filosofia Katiúscia Ribeiro, especialista em filosofia africana, que fez uma explicação belíssima ressaltando o fato de que nossos não estão no passado, mas no hoje conosco, em nosso corpo, em nosso jeito, sendo o que somos hoje um fruto dos sonhos deles. Existe um provérbio africano que podemos citar como uma referência direta a ancestralidade: "Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde você vem", provérbio esse que podemos observar inclusive nas imagens do livro de forma simples e direta, para melhor compreendam dos pequenos leitores, sendo representado os iguais do protagonista antes dele, seu pai, seu avô, seu bisavô, e está diretamente relacionado ao campo espiritual, já que os ensinamentos da cultura e

¹² Katiúscia Ribeiro explica ancestralidade e sua presença na cultura diaspórica | O Futuro é Ancestral. 2022. 1 vídeo (6m27s). Publicado pelo Canal GNT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h03cAD1EKNw&t=61s>

fé são passados por meio oral, de geração pra geração.



Neste tópico podemos então concluir que as questões religiosas afro-brasileiras são abordadas nos livros em posturas distintas mas, conseguimos observar em todas o fato de abordar as religiões de matriz africana como parte da identidade e da resistência do povo preto. Em amoras existe uma aproximação com outras matrizes religiosas, existindo assim um diálogo com diversas outras religiões sem a ideia de superioridade entre elas, mas de uma forma em que exista respeito e uma coexistência no mundo entre elas. No livro, “Com que penteado eu vou?” A religião é abordada como aspecto de construção da identidade, sendo abordada juntamente na perspectiva identitária dos personagens do livro. Já no “Pequeno Príncipe Preto”, a religião remete muito à questão da ancestralidade dos protagonistas.

5. LEVANTA E ANDA

*“Esses boy conhece Marx
Nós conhece a fome
Então cerra os punho, sorria
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia.”*

Com tudo, após analisarmos os livros escolhidos podemos concluir que na atualidade conseguimos observar a preocupação de pessoas militantes do movimento negro em estar produzindo livros com uma representatividade real do povo preto, para que nossas crianças cada vez mais consigam se identificar e crescerem sendo representadas. Nos livros conseguimos identificar diversos fatores que contribuem para a formação identitária e cultural das crianças, no qual se é falado a respeito das suas características fenotípicas como também da cultura, religiosidade, sentimentos e pensamentos. Acredito que um ponto a ser levantado é o fato de todos os personagens dos livros abordados sejam negros, não apenas os protagonistas, nas suas mais diversas tonalidades, formas e jeitos. Vale ressaltar que, por mais que os livros tenham como questão central os personagens pretos com suas vivências, os livros não são restritos apenas às crianças negras, sendo inclusive de suma importância trabalhar com livros semelhantes com crianças brancas para que as mesmas tenham contato e acesso ao diferente delas sem um estranhamento, com o objetivo que consigam perceber o mundo plural em que vivem e que é importante zelar pelo bem estar de todos os indivíduos respeitando cada um.

Por tanto, fica para mim, nítida a questão de que não é o fato de não existir livros de representatividade preta positiva, mas, talvez, a falta de comprometimento dos espaços educacionais em ter um olhar atento e cuidadoso em relação a procura de livros da literatura infantil para serem trabalhados com seus estudantes. Minha questão se estende também para os locais de formação desses profissionais, sendo as universidades locais nos quais deveria existir um espaço efetivo para o trabalho, leitura e estudo de figuras importantes para o movimento negro.

6. BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Adlene. Literatura Infantil com Personagens Negros: Intenções na Extensão Universitária. Tese - Universidade de Pernambuco, 2022.

BARBOSA, Eduardo. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. 2008.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 de julho de 2023.

BRION DAVIS, David. O problema da escravidão na cultura ocidental. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Chalita, Gabriel. Pedagogia da Amizade: Bullying o sofrimento das vítimas e dos agressores. 3. ed. São Paulo: Gente, 2008.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz. A construção da identidade afrodescendente. Revista África e africanidades- ano 2; n 8, fev. 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria & prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

DIONE, Lavine. A construção do Saber. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1110-diretrizes-nacionais-inglesfrances-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 31/07/2023

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

LIMA, Andrea. Representação do cabelo afro: Identidade negra vista na sala de aula. Monografia - Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 2018.

LIMA, Fernanda Alencar; Gama, Maria Celeste Conceição. A literatura infantil

afro-brasileira na construção da identidade étnico-racial. 2018. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

LUDKE, MENGA. ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MISSELINE, Maria. Literatura infantil afro-brasileira: Possibilidades e contribuições na (RE) construção da identidade de crianças negras. Monografia - Pedagogia, Departamento de Educação, Recife. 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo: Pólen, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

ONOFRE, J. A. Repensando a questão curricular: caminho para uma educação anti-racista. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, p. 103-122, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/563>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Santos, Hélio. *A Busca de um caminho para o Brasil: A trilha do círculo vicioso*. São Paulo. Editora Senac, 2001.